

EMMANUEL COLLEGE: A ETNOGRAFIA DE UM COLLEGE DE CAMBRIDGE *

Peter BURKE**

Este ensaio breve e pessoal tem dois objetivos: em primeiro lugar, contribuir para os estudos de antropologia social das universidades que vêm sendo realizados ultimamente¹ e, em segundo lugar, auxiliar no desenvolvimento de uma antropologia mais reflexiva, já que o autor é um *fellow* do *college* aqui descrito.² Em outras palavras, meu papel é mais o de um "participante como observador" do que o de um "observador participante".³ Na verdade, estas anotações foram feitas como um modo de enfrentar o choque cultural implicado na minha mudança de uma nova universidade britânica para um velho *college* de Cambridge.

Minha posição é, portanto, de modo geral, semelhante à dos três mais conhecidos etnógrafos da vida acadêmica de Cambridge: houve um *fellow* nos clássicos em Trinity, interessado nas idéias de Durkheim e Levy Bruhl, que produziu (num momento de exasperação após seu fracasso em reformar sua *faculty*)⁴ um "guia para o jovem político acadêmico";⁵ houve um *fellow* em química do Christ's que apresentou, sob a forma vagamente disfarçada de um romance, suas observações sobre uma eleição encarnadamente disputada para a "Mastership" (direção do *college*);⁶ e, mais recentemente, houve um *fellow* do King's, anteriormente o catedrático de Antropologia Social, que descreveu e interpretou a cerimônia de posse do "Provost" (Diretor) do seu *college*, o qual era outro antropólogo social.⁷

* Tradução da Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Garcia Pallares, do Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação da Faculdade de Educação da USP.

** *Fellow* do Emmanuel College e *lecturer* de História da Universidade de Cambridge.

1 Os trabalhos mais novos sobre o tema são: Anthony Giddens, "Social Structure of a University Hall of Residence", in *Sociological Review*, 1960; B. Geer "Studying a College", in R. Haberstein (org.) *Pathways to Data*, Chicago, 1970; F. G. Bailey, *Morality and Expediency*, Oxford 1977.

2 Um *fellow* é um membro do *college* eleito pelo corpo de fellows para exercer funções docentes e, eventualmente administrativas.

3 R. Gold, "Roles in sociological field observations", in N. K. Denzin (org.), *Sociological Methods*, London, 1958.

4 Uma *faculty* em Cambridge consiste num grupo de professores de uma mesma disciplina provenientes de todos os colleges.

5 F. M. Cornford, *Microcosmographia Academia, Guide for the young academic Politician*, Cambridge, 1908.

6 C. P. Snow, *The Masters*, London, 1951.

7 M. Fortes, "Of Installation Ceremonies", in *Proceedings of the Royal Anthropological Institute*, 1967.

Em certo sentido seria melhor se a análise dessa peculiar cultura acadêmica fosse realizada por um estranho — um japonês, digamos, ou um francês. No entanto, um *fellow* recente é capaz de focalizar o processo pelo qual um estranho se torna um *de casa*: o processo de incorporação, assimilação, aculturação e, mais particularmente, os modos, geralmente indiretos, pelos quais os membros mais antigos de uma sociedade tentam mudar as atitudes e os valores dos novos recrutas. Devemos admitir que é difícil resistir a este processo, mesmo considerando que essa “pesquisa de campo” tenha sido uma forma de adiá-lo; e se eu publico este ensaio agora, ao invés de aguardar a coleta de mais dados é, em parte, porque temo que, em um ou dois anos, o ato de publicá-lo pareça a mim, bem como a meus colegas, um ato de deslealdade.

Cambridge tem 32 *colleges* ou *quasi colleges*, os últimos sendo conhecidos oficialmente como “Fundações Aprovadas”, enquanto que os primeiros são conhecidos oficialmente como os *verdadeiros colleges*. O lugar de cada um deles na hierarquia informal é determinado em parte pela antiguidade, em parte pela riqueza e em parte pela distinção intelectual. (“Quantos *fellows* vocês têm na ‘British Academy’?”), perguntou-me agressivamente um *fellow* de outro *college* após um jantar). Emmanuel é um *college* mediano. É, de acordo com seus membros, nem muito grande (como Trinity), nem muito pequeno (como Peterhouse). Não está nem entre os *colleges* mais ricos nem entre os mais pobres, nem entre as fundações mais antigas ou mais novas. Atualmente não está entre os *colleges* nem de maior nem de menor distinção intelectual. Pode-se duvidar que algum membro de um *college* de Cambridge admita ser a sua uma instituição típica — o paroquialismo é quase tão forte nestas comunidades como era nas cidades-estado da Itália medieval, e se espera e se encoraja seus membros a verem sua instituição como única, tendência esta acentuada pelas diferenças em costumes e títulos locais. O Diretor da maioria dos *colleges* é chamado de “Master”, mas King’s tem um “Provost”, Queens’ um “President”, Newnham um “Principal”. Há uma espécie de narcisismo que pode ser bem ilustrado pelo fato de muitas pinturas que se encontram nas paredes dos *colleges* serem ou retratos de antigos membros ou vistas do próprio *college*. Assevera-se também localmente que Cambridge é bem diferente de Oxford. Por ocasião de minha eleição para *fellow* do Emmanuel, sendo eu conhecido como um “homem de Oxford”, fui imediatamente levado para um canto pelo “Master” e informado que “nós aqui fazemos as coisas diferentes de lá”. Não obstante — talvez porque cinco anos não tenham sido ainda suficientes para me socializar integralmente na cultura do *college* — eu acredito que uma descrição do Emmanuel College dará aos leitores uma boa idéia do modo como Cambridge funciona. Deve-se ter em mente que este ensaio se refere a observações feitas durante os anos 1979-1984.

Uma análise estrutural-funcional do *college* pode ser um início útil, mas se depara imediatamente com o problema — quem ou o que exatamente é o *college*? Tendo o dialeto acadêmico local como uma língua nativa, eu acho que sei o que quero dizer com o termo, mas explicá-lo não é fácil. O

problema não se refere primordialmente à confusão entre o *college* como instituição e como um complexo de tijolos e telhas, para não mencionar arvoredos e patos. Estes, incidentalmente, não devem ser desprezados. Os membros humanos do "college" se orgulham bastante deles e quando um espécime exótico morreu em 1983, os *fellows* e os alunos se cotizaram para comprar um substituto, tendo os estudantes previamente requerido permissão para dar nome ao recém-chegado. A questão importante, no entanto, é "quem é o college" ou "de quem é o college"? Quando eu ou meus colegas usamos o termo, nós às vezes queremos dizer nós mesmos, outras vezes os *fellows* e os estudantes, e, ainda outras vezes, *fellows*, estudantes e empregados. Seria interessante saber o que os estudantes ou os empregados querem dizer quando falam o *college*, mas para descobrir isso seria preciso que um *fellow* tivesse o dom da invisibilidade. Um problema similar surge no caso do "nós", tal como aparece na citação acima, "nós aqui fazemos as coisas diferentes de lá". Não há dúvida de que ambiguidades como essas são totalmente previsíveis na fala e no pensamento dos membros de uma instituição que se distingue nitidamente do mundo de fora, mas é ordenada numa hierarquia formal.

O *college*, definido nesses vários sentidos, é uma instituição que desempenha um número extremamente diverso de funções. Está muito menos exclusivamente envolvido com o ensino do que a maioria das universidades britânicas, todas elas consideradas provincianas por Cambridge, até mesmo a Universidade de Londres. Para começar, o *college* (desta vez no sentido legal de "o Master e os Fellows") é o proprietário e o administrador das propriedades doadas pelo fundador e pelos doadores posteriores. Ele possui fazendas, casas, ações de companhias e mesmo fábricas. Nos prédios do *college* mora a maioria dos estudantes durante os períodos letivos (os três períodos de 8 semanas durante os quais a universidade funciona durante o ano acadêmico), enquanto que durante as férias suas instalações são usadas, por outros órgãos, para conferências. Os estudantes e os participantes das conferências pagam pela estada e refeições, estando, pois, o *college*, neste sentido, também envolvido no ramo de hotel e restaurante, competindo com outros hotéis e restaurantes (que se ressentem do fato de que o *college* está imune, como um clube, às normas de horário de funcionamento vigentes para estabelecimentos similares). Como decorrência desse envolvimento, o *college* emprega um corpo considerável de arrumadeiras, cozinheiros e garçons, tanto quanto secretárias, eletricitas, jardineiros e porteiros. Como Cambridge é uma cidade pequena (mais ou menos 100.000 habitantes) e com pouca indústria, ela depende dos empregos oferecidos pelos *colleges* muito mais do que acontece em Oxford, fato esse que pode justificar a deferência fora de moda com que os *fellows* são tratados de vez em quando por comerciantes locais de meia idade. Como alguns outros *colleges*, o Emmanuel é também uma espécie de Instituto de Estudos Avançados em pequena escala, financiando cinco ou seis *fellows pesquisadores* (doutorado ou pós doutorado) por três anos cada e recebendo, de vez em quando, como *fellows visitantes*, acadêmicos estrangeiros por um período letivo ou por um ano.

O "college" também ministra a seus alunos (mais ou menos 300 graduandos e 100 pós-graduados) o ensino de ampla gama de disciplinas, das quais as mais importantes são: Ciências Naturais, Direito, Engenharia, Matemática, Medicina, História e Inglês. Deve ser explicado que há aqui, bem como em outros *colleges* de Cambridge, um espaço bem pequeno para a Antropologia Social, ramo de estudo que é agrupado (por razões que somente serão claras para quem esteja interessado na história intelectual britânica do fim do século XIX) com a arqueologia. A sociologia permanece também até hoje à margem da universidade.

Os estudantes do Emmanuel são selecionados pelo *college*, entendido neste caso como o "Senior Tutor" que, em parceria com os *fellows* das várias matérias, examina os candidatos. A seleção é feita mais ou menos na base de entrevistas e dos resultados obtidos pelos candidatos nos vários exames, alguns dos quais organizados por grupos de *college*. É, evidentemente, difícil ser preciso sobre os critérios extra-oficiais de seleção. Quando eu recomendo a aceitação de candidatos ao meu próprio campo de estudo, eu faço isso — pelo menos assim acredito — essencialmente porque penso que eles são especialmente inteligentes e interessantes, mas eu deduzo que alguns de meus colegas são mais impressionados pelas escolas que os candidatos frequentaram, pelas suas famílias ("o seu pai é um antigo membro?"), ou pelos seus interesses nas várias atividades esportivas. De um modo geral, os rapazes (e até mesmo as moças, agora que finalmente foram admitidas) que estiveram em boas "public schools" (isto é, escolas particulares) têm mais chance de se desempenhar a contento nos vinte minutos de entrevista, e também no que é chamado de "Prova Geral", um exame escrito com questões como as seguintes: "É possível não acreditar em Deus?", "Os animais têm direitos?", ou "A espionagem foi alguma vez de utilidade real nas questões internacionais?".

Os alunos de graduação são geralmente, mas nem sempre, ensinados pelos *fellows* do seu próprio *college*. O ensino, ao menos nas matérias de artes liberais, é ministrado da maneira tradicional desde o fim do século XIX, ou seja, por meio de uma "supervisão" semanal que consiste em uma discussão na sala do professor, entre este e um ou 2 alunos que, confortavelmente instalados em poltronas, têm uma conversa muito possivelmente regada a café ou mesmo xerez. Esta reunião semanal e o ensaio que o aluno redige para ela é ainda até hoje a característica marcante e básica do sistema de Cambridge e gera um folclore bem rico (de tutores que dormem enquanto o ensaio é lido alto pelo aluno, de alunos que cometem erros deliberadamente para verificar se estes serão notados, ou "lêem" seus ensaios de páginas em branco, e assim por diante). As aulas propriamente ditas, organizadas pela universidade e não pelo *college*, são vistas como secundárias neste sistema. Em ciências, no entanto, o trabalho de laboratório e o ensino em grupo fazem de Cambridge uma instituição menos singular.

Uns poucos *fellows*, chamados *tutores*, são supostamente responsáveis pelo bem estar dos estudantes, em outras palavras, são encarregados de lidar

com seus problemas — problemas de estudo, de dinheiro, de sexo, de drogas, de emprego. Se ocorrer um acidente com algum estudante, é o seu tutor que será acordado no meio da noite para ir ao hospital ou à polícia. Este sistema é ao mesmo tempo mais personalizado e mais amador do que os sistemas de orientação de outras universidades britânicas. De qualquer modo, quase todos os supervisores que eu conheço acabam por desenvolver algum tipo de interesse pessoal por seus pupilos, o que é perfeitamente compreensível, dado que ele está em contacto com não mais do que vinte estudantes durante um período de oito semanas. Certa vez perguntei a um professor italiano se os seus alunos tinham muitos problemas pessoais. Ele respondeu com um sorriso — “Não cabe a mim curar almas”. Em Cambridge, no entanto, muitos de nós ainda acham que devemos curar as almas. Alguns literalmente acreditam nisto. Somente poucas pessoas vão à missa diária na Capela do *college*, ou mesmo à missa dominical — mas o Capelão permanece como uma figura importante na “*vida do college*” (uma frase habitual em Cambridge). Ele é como um tutor adicional; de fato, mais até do que isto, já que sendo freqüentemente um solteirão que mora no *college*, ele está facilmente ao alcance dos estudantes.

Esta multiplicidade de funções confere ao *college* uma estrutura bastante complicada. Como um proprietário, o *college* precisa de um administrador. Daí a existência do cargo de “Bursar” (tesoureiro) ocupado por um *fellow* que pode ainda se dedicar ao ensino, mas que dispenderá a maior parte de suas energias nos negócios — visitando as terras do *college*, estudando o *Financial Times*, preparando o balanço anual, e assim por diante. Pode acontecer de ele ser um economista de formação: no início deste século o King’s College teve um tesoureiro razoavelmente bem sucedido chamado John Maynard Keynes. O empreendimento hotel-restaurante também necessita de um administrador: o “Domestic Bursar”. Hoje em dia ele é, em geral, um oficial do exército, marinha ou aeronáutica aposentado com o posto de brigadeiro ou superior. A escolha de um militar pode bem ser feita na esperança de que ele será um negociador bem intransigente com os representantes dos alunos em questões como a qualidade da comida e outras, por identificá-los com as tropas anteriormente sob seu comando; espera-se igualmente que ele não permanecerá no cargo tempo suficiente para interferir nos confortos e prerrogativas dos *fellows*. O empreendimento de ensino também necessita de um administrador: o “Senior Tutor”. Suas responsabilidades incluem a formulação da “política de admissão” do *college*, ou seja, o critério de recrutamento de seus alunos de graduação, e também a disciplina, como por exemplo, a multa dos estudantes que dão festas muito barulhentas ou ultrapassam o horário de entrada permitido pelo *college*.

Juntamente com o “Master”, o “Bursar” e o “Senior Tutor” — com a possível inclusão do “Domestic Bursar” — formam um círculo interno de poder, e quando eles dizem “nós”, ou o *college* é bem provável que, na prática, estejam se referindo a si próprios. O círculo externo do poder é composto pelos demais *fellows* que se reúnem uma vez por mês no “Governing Body”, uma espécie de Parlamento. Nesta ocasião, os *fellows*, um pouco mais de cinquenta, sentam-se a uma mesa comprida e, para sublinhar

a formalidade da situação, vestem becas, usam títulos oficiais, e a comunicação é intermediada pelo "Master", que preside a sessão. Supondo que eu queira fazer uma pergunta ao *Senior Tutor*, apesar de sermos íntimos e nos tratarmos usualmente pelo primeiro nome, eu diria: "— Master, o *Senior Tutor* acha que o nível de nossos alunos está declinando?" — "Não Master, eu não acho", diria o "*Senior Tutor*", — "Obrigado, Master", completaria eu, dirigindo-me ao "Master" que permanecera, na verdade, mudo durante todo o diálogo. O "Governing Body" não elabora muitos estatutos, apesar de ocasionalmente modificar alguns feitos há centenas de anos atrás pelo fundador, como no caso de permitir recentemente a admissão de mulheres, modificação feita com a devida ratificação de sua Majestade, a Rainha. A principal função do "Governing Body" é circular informação confidencial, debater questões controversas e eleger novos *fellows* e membros dos vários comitês do *college*. Estes incluem, mais ou menos em ordem de importância: comitês de Finança, Vinho, Jardim, Biblioteca e Capela. Os Comitês se reportam ao "Governing Body" recomendando, por exemplo, que "somente Clarete de qualidade pelo menos tão boa quanto Chateau Cissac deve ser adquirido para consumo no *Senior Combination Room* ou que "seja substituído o *Larix Dourado* do lado leste da lagoa por um pequeno salgueiro (*Salix Britzenis*)". Compreensivelmente, pois, vários *fellows* trazem livros para ler no "Governing Body" ou cochilam durante a sessão. No entanto, é aconselhável que não se durma muito profundamente, pois a proposta seguinte pode ser a eleição de um novo *fellow* em Bioquímica, digamos, ao invés de um *fellow* em japonês, ou gastos de 500.000 libras na construção de um novo prédio. O círculo interno de poder sabe perfeitamente, e habitualmente consegue, aquilo que quer. O "Governing Body" tem, entretanto, o poder de rejeitar suas propostas, o que faz com relativa frequência, em parte, sem dúvida, com o objetivo de marcar sua importância. Em questões controversas a votação é feita abertamente com as mãos para cima.

Controvérsias sobre políticas de ação ou sobre pessoas são frequentemente acirradas. Alguns *fellows* se opõem à política do "Master" porque não gostam de mudanças, enquanto outros o fazem porque não gostam do "Master". Como um Chanceler do Ministério da Fazenda, o "Bursar" considera ser seu dever se opor a qualquer proposta do "Governing Body" que implique em gasto; seu objetivo é aumentar ou, pelo menos, conservar a riqueza do *college* (a dotação). É interessante observar as mudanças de atitude de um *fellow* quando ele é nomeado "Bursar", ou, ao menos, notar a mudança nas atitudes que ele está preparado para expressar em público. O foco clássico de controvérsia é, sem dúvida, a eleição de um novo "Master" e a clássica descrição de Snow sobre esta acirrada disputa mantém seu valor. As opiniões variam sobre a exatidão dessa descrição. Eu costumava fazer um teste, perguntando a vários colegas suas opiniões a respeito, e concluí que aqueles que consideravam a descrição pouco plausível (ou até absurda) eram exatamente os que, a meus olhos inocentes, mais se assemelhavam aos personagens do romance. De qualquer modo, há não muito tempo, o *college* vizinho do Emmanuel teve uma eleição que seguiu de

perto o enredo do livro de Snow. Alguns *Fellows*, como membros desta sociedade consciente de si própria, liam justamente este livro nos intervalos das reuniões eleitorais. Ambas as disputas, a real e a "imaginária", foram especialmente fascinantes pelo que revelaram dos conflitos latentes numa comunidade onde o mito do consenso é tão importante quanto no Senado veneziano do século XVI, numa companhia japonesa de hoje, ou numa aldeia norueguesa (8). A unanimidade é altamente prezada. Na verdade, se um novo "fellow" é eleito por, digamos, 27 votos contra 22, a eleição verdadeira será seguida de um segundo turno formal, no qual todos votam a favor do candidato vencedor.

O leitor deve estar se perguntando sobre o que os alunos de graduação acham do "Governing Body", ou que lugar eles ocupam na política do *college*. Por volta de 1960 houve uma exigência estudantil ou, mais exatamente, já que estamos em Cambridge, um *pedido* de representação no "Governing Body". Este pedido foi satisfeito, num âmbito restrito. Três estudantes comparecem agora ao que é chamado "Assunto não Reservado" que não dura, em geral, mais do que alguns minutos, retirando-se antes que a reunião passe a tratar das questões mais importantes, ou melhor, daquelas consideradas importantes pelos *fellows*. A representação dos alunos é bem mais significativa no comitê que fixa os preços das acomodações e refeições. É com o preço do café da manhã e não com a política do desarmamento nuclear que o "Junior Combination Room" (em outras palavras, o grêmio estudantil) está preocupado. Emmanuel neste ponto é tão típico de Cambridge quando difere das outras universidades britânicas, com exceção de Oxford. Por que?

Eu não acho que os estudantes de Cambridge sejam mais materialistas do que os demais estudantes. Eles são um pouco mais conservadores e, de fato, apóiam o Partido Conservador mais intensamente do que os estudantes de outras universidades britânicas (incluindo Oxford), tanto quanto são mais oriundos da classe média alta e de "public schools". No entanto, eles têm opiniões políticas próprias, e se o JCR, como é chamado o grêmio, tem até hoje se imiscuído pouco em questões políticas, deve haver uma explicação estrutural, tal como a divisão dos estudantes de Cambridge em *colleges*. As tentativas de se criar um grêmio estudantil a nível da universidade (além do "Cambridge Union", que é meramente uma associação para debates) têm sido frustradas. Eu tenho a suspeita — não compartilhada por todos os estudantes com quem discuti esta questão — de que o sistema de "college" continua a criar um tipo diferente de consciência coletiva. O patriotismo para com o college, bem como o patriotismo cívico e de ofícios do *ancien régime*, torna difícil que os alunos se sintam ou ajam como uma "classe". *Divide et impera* seria um modo cínico de resumir a situação, mas somente porque parece atribuir a um planejamento consciente, o que, de fato, está no nível das conseqüências não intencionais. De qualquer modo, é inegável que um confronto entre alunos e professores é muito mais difí-

8 Barnes, J. A., "Class and committees in a Norwegian island parish". in *Human Relations*, 1954.

cil de ocorrer numa pequena comunidade de menos de 500 pessoas do que numa de 5.000. A analogia, freqüentemente feita pelos estudantes britânicos mais radicais, entre uma universidade e uma fábrica, onde os interesses da administração estão necessariamente em conflito com os dos trabalhadores, é um analogia que, segundo muitos daqui, simplesmente não parece apropriada para caracterizar Cambridge. Enquanto os estudantes em outras universidades britânicas organizam demonstrações ('demos') e apresentam à administração listas de exigências, os estudantes de Cambridge tendem a se expressar de modo não político, colocando as bicicletas um do outro no telhado da capela ou nos galhos das árvores. Isto não significa que eles não tenham consciência política, mas somente que tendem a expressá-la de modo particular e individual.

Cambridge é também um lugar mais formal e mais amigável do que a maioria das outras universidades britânicas. Os estudantes daqui tendem a me chamar de Dr. Burke, diferentemente dos da universidade moderna onde antes eu lecionava (lá era um ponto de honra todos, do vice-chanceler ao funcionário da manutenção, se tratarem pelo primeiro nome), mas ao mesmo tempo eles me convidam freqüentemente para suas festas, da mesma forma que eu lhes ofereço drinks quando vêm a minha sala (um costume, aliás, sustentado pela "franquia de xerez" que muitos *colleges* ainda oferecem a seus *fellows*). A solidariedade é também promovida pela comensalidade. Os *fellows* e os alunos jantam juntos (isto é, na mesma mesa e não simplesmente na mesma sala) para comemorar a chegada dos calouros no "college" bem como a despedida dos alunos após os nove períodos letivos. O consumo de bebida alcóolica, num nível muito mais alto do que é costume nas demais universidades, tem um papel importante na promoção da solidariedade entre os estudantes e os *fellows*. É claro que não tenho condição de descobrir o que "eles" pensam de "nós" — a antropologia reflexiva tem seus limites, a não ser que se esteja disposto a fazer o que um antropólogo americano fez, mudando seu nome e matriculando-se como aluno em sua universidade. O que eu posso dizer, como aluno de mais de vinte anos atrás, é que nós, estudantes, considerávamos os *fellows* com uma mistura de fascinação, de troça e, ocasionalmente, de afeição, e os víamos como um grupo de pessoas singulares, quer eles se sobressaíssem pelo brilho ou pela excentricidade.

É muito fácil ter uma idéia romântica do *college*, mesmo quando se mora nele, ou, ao menos, assumir tranqüilamente que outras pessoas a tenham. No entanto, ele se mantém como uma comunidade num grau sem paralelo com outras instituições acadêmicas britânicas. Ao fim do primeiro período letivo todo mundo acaba por conhecer virtualmente todo mundo, e o capelão e o porteiro são capazes de lembrar o nome de quase todos (e é claro que se diz que no passado eles faziam isso com perfeição). Deve-se, no entanto, acrescentar que o *college* não é uma comunidade para todos os seus membros do mesmo modo e grau.

Para os "servants" (a expressão antiga ainda usada pela maioria dos *fellows*) ou "staff" (como são oficialmente chamados), o *college* aparece

menos como uma comunidade, apesar de ser, de fato, necessário distinguir aqui dois grupos: os empregados temporários e permanentes. Os primeiros são, em geral, moças que trabalham no *college* somente durante alguns anos (jovens de classe média como datilógrafas e de classe operária como garçonetes); os segundos são, na maioria, homens que aqui trabalham grande parte de suas vidas, seguindo, muitas vezes, as pegadas dos pais e habitando-se assim a ganhar um relógio de ouro após 25 anos de serviço. A falta de alternativas de trabalho pode ser um fator explicativo para essa continuidade, mas ela é também, sem dúvida, uma expressão do patriotismo do *college*. O Emmanuel é um reduto da vida britânica onde o ethos tradicional de paternalismo e deferência ainda sobrevive em algum grau, apesar de estar sendo gradualmente desgastado. O relacionamento entre os *fellows* e os criados, ou entre os estudantes e os criados (como entre os *fellows* e os estudantes) é ao mesmo tempo mais formal e mais pessoal do que seus equivalentes no mundo exterior. A cada verão os *fellows* desafiam os empregados para uma partida de cricket, a qual sempre perdem. Ao visitarem o *college*, os ex-alunos procuram rever não só seus antigos tutores como também seus criados de quarto. É claro que seria muito fácil olhar esses relacionamentos com demasiado sentimentalismo, desconsiderando que há neles um lugar considerável para o desenvolvimento de aversões mútuas: conta uma lenda de Cambridge que havia um garçon que odiava a tal ponto um determinado *fellow* que lhe serviu lingüiças queimadas todas as manhãs durante vinte anos. De qualquer modo, pode-se afirmar com segurança que um bom mordomo-chefe ou um bom porteiro são tão importantes para um *college* e tão apreciados pelos seus membros quanto um bom "Master". E, todavia, os empregados não são, na realidade, oficialmente "membros" do *college*. Este divide-se formalmente entre os membros "senior" (*fellows*) e os "junior" (estudantes); os estudantes de pós-graduação tentaram conseguir e, de fato, em alguns lugares já conseguiram oficialmente uma posição intermediária entre o estrato superior e inferior. Eu, no entanto, não creio que o "college" seja uma comunidade para esses alunos, já que sendo normalmente recém-casados, não moram no *college* e têm, além disso, não tanto o *college* mas o grupo de pares no seu campo de pesquisa como padrão de referência. No que diz respeito aos alunos de graduação o importante é distinguir os anos, pois esta é uma sociedade em que os grupos de idade são muito importantes. Dificilmente haverá um insulto maior para um aluno do 3.º ano do que confundí-lo com alguém que acabou de entrar.

Os calouros, geralmente recém saídos da escola e mergulhados num mundo que acham simultaneamente excitante e atordoante, necessitam obviamente de um grupo com o qual se identificar, e a visão, a cada outono, de um grande número de cachecóis novíssimos dos *colleges* pelas ruas de Cambridge, parece sugerir que muitos deles se identificam com o seu *college*. São necessárias, no entanto, distinções mais sutis, pois há dois princípios contraditórios em ação. Em primeiro lugar, ao menos em alguns *colleges* os alunos que vêm das "public schools" raramente fazem amizade com alunos vindos das escolas estatais (isto não é uma questão de de-

cisão consciente, mas acontece muito frequentemente para ser acidental). Em segundo lugar, na maioria dos casos as amizades do primeiro ano do *college* ilustram com frequência a influência do meio ambiente arquitetônico sobre o comportamento social.⁹ Os *colleges* são construídos ao redor de pátios (ou "quadrângulos", como dizem em Oxford), de tal modo que o acesso aos quartos se faz por via de uma escadaria. A cozinha e os banheiros usados em comum também ajudam a fazer dos dez ou vinte moradores de cada ala uma pequena aldeia onde normalmente as amizades se iniciam no primeiro ano. O folclore de Cambridge tem provavelmente razão de supor que no segundo ano os estudantes são mais voltados para fora, enquanto que os do terceiro ano retornam para a comunidade do *college* à medida que a época dos exames finais e da partida se aproxima. É claro que há mudanças a longo prazo que se sobrepõem a este ciclo de três anos. Desde que o *college* admitiu mulheres como estudantes nos anos 70, a vida social do *college* se tornou mais auto-suficiente (e talvez até mais calma). Há vinte anos atrás a maioria dos estudantes vinha em conjunto jantar no "Hall" (com os *fellows*, mas separados deles pelo tablado onde fica a "Mesa Alta"); agora, grande parte dos estudantes cozinha para si, ou suas namoradas cozinham para eles, e as idas ao "Hall" para jantar são tão esporádicas e especiais quanto as idas a restaurantes. A cada período letivo há um jantar com convidados que é apreciado como uma ocasião muito especial, e uma vez por ano, em junho, há um baile no *college* que, apesar de ser um evento caro (uma entrada, incluindo jantar e champagne para dois, custa no mínimo 100 libras) se esgota rapidamente e é lembrado com nostalgia vinte anos mais tarde por seus participantes. Ou, pelo menos, é o que eles nos dizem, sendo este um tópico de conversação comum toda vez que os "Velhos Membros", ou seja, os ex-alunos do *college*, exercem o direito de jantar duas vezes por ano na "Mesa Alta" com os *fellows*.

Sobre os *fellows* há muito mais a dizer. Este desequilíbrio talvez reflita minhas fontes de informação, ou mesmo uma suposição irrefletida de que os *fellows* são realmente o *college* (Snow foi criticado porque seu livro sobre a vida do *college* praticamente ignorou os estudantes). De qualquer modo, os *fellows* são a parte mais distintiva do sistema, a parte que mais se destaca do mundo exterior, mesmo considerando que esta distinção não é tão aguda hoje quanto no passado. Para muitos *fellows* o *college* é ainda uma comunidade, especialmente se lá estão há mais de vinte anos ou se são solteiros (10 dentre 50, no caso do Emmanuel) e vivem no *college* o tempo todo. Para esses *fellows* o *college* é uma instituição "total", tal como prisões, monastérios e asilos.¹⁰ Com suas poltronas favoritas no "Senior Combination Room" onde tomam café, lêem jornal e fofocam com e sobre os *resident fellows*, tal como são chamados, emprestam ao *college* uma atmosfera de um velho hotel familiar ou um dos menores clubes londrinos. Excluindo o período de serviço militar, alguns deles, de fato, passaram toda

9 Cf. W. E. Whyte, *The Organization Man*, New York, 1956.

10 E. Goffman, *Asylums*, New York, 1961.

sua vida adulta no *college*, tendo lá chegado há quarenta ou cinquenta anos atrás, ou até mais. Jantando há pouco num outro *college*, perguntei ao *fellow* ao meu lado quando havia sido eleito, ao que me respondeu com orgulho: “ — 1913”. Na qualidade de *fellow* aposentado ele conservava o direito de morar no *college*.

Para os *fellows* casados, em especial os mais jovens, o *college* não faz tanto parte de suas vidas mas é provável que venham jantar uma ou duas vezes por semana, bem como almoçar todos os dias. Não é ainda usual tratar o *college* como um escritório onde se trabalha das 9 às 17 horas. Sendo mais exato, há diferenças de opinião sobre o que é feito e o que deve ser feito. Os *fellows* mais velhos reclamam que os mais jovens tratam o lugar como um escritório e contrastam o presente com os bons velhos tempos “quando o *college* era um *college*”. Do meu ponto de vista, como um recruta relativamente novo, o que é notável é o contraste com as demais universidades, onde absolutamente ninguém janta, e o forte espírito comunitário existente nos *colleges*, mesmo admitindo-se que não seja hoje tão forte quanto no passado.

Nesta república acadêmica as esposas são cidadãs de segunda-classe, ou melhor, excluídas totalmente da cidadania. Uma exceção deve ser feita para a esposa do “Master”, já que ele tradicionalmente mora com sua família na residência oficial (the Lodge), dentro dos muros do “*college*”; mas, mesmo no seu caso, certamente haverá um conflito se ela pedir por aquilo que os *fellows* têm por direito: a chave — mestra do *college*. Até há alguns anos atrás era impossível, ou mais exatamente, “não se usava” os *fellows* trazerem suas esposas para jantar ou mesmo almoçar, apesar de eles poderem ter convidados de ambos os sexos (convidar mulheres também foi uma inovação do início dos anos 60). Agora que as mulheres foram admitidas como estudantes (33% no Emmanuel) e mesmo como *fellows* (4%), as esposas, ou melhor, os cônjuges podem ser convidados à vontade. Mas, como alguns *fellows* mais velhos não aceitaram estes novos hábitos, aquele que quiser garantir uma noite agradável à sua esposa deve assegurar-se de que ela não se sentará próxima a um deles durante o jantar. O Emmanuel College se conserva uma instituição predominantemente masculina e o paralelo traçado recentemente entre o lugar das mulheres no *college* e entre os pastores da Grécia de hoje é ao mesmo tempo ilustrativo e pitoresco.¹¹

As *fellows* mulheres enfrentam problemas semelhantes ao das esposas, ao menos até seus colegas se habituarem a elas. Podem ser tratadas ou com demasiada cortesia, como se fossem visitas, ou totalmente ignoradas. Deve-se acrescentar, entretanto, que estas estratégias de exclusão não chamam muita atenção numa comunidade na qual os indivíduos são mais abertamente rudes uns com os outros em público do que é comum na Grã-Bretanha de hoje. Mas talvez não seja muito apropriado eu dizer “em público”, considerando as observações feitas por um etnolinguista japonês. Na qua-

11 Cf. L. Sciana, “The Problem of Privacy”, in S. Ardener (org.) *Women and Space*, London, 1981 — obra que faz uma comparação com Oxford.

lidade de "fellow" visitante ele observou nossas convenções de saudação (e de não saudação, em certas ocasiões), inferindo rapidamente, e com razão, que a agremiação dos *fellows* pode ser vista como uma grande família. E é perfeitamente admissível e esperado que num grupo de cinquenta indivíduos alguns não gostem de outros, e se alguns destes "inimigos" forem solteiros pode bem ocorrer de eles tomarem suas refeições lado a lado diariamente por trinta anos ou mais. Nesta situação tem que haver uma válvula de escape para a hostilidade e talvez os antropólogos queiram acrescentar este exemplo à sua coleção de relações jocosas tribais. A arte do insulto indireto — ou não tão indireto — foi levada em Cambridge ao mais alto nível de sofisticação, comparável aos bairros negros das cidades americanas contemporâneas.¹² No *Emmanuel*, que é um *college* relativamente amistoso, o recém-chegado logo aprende a discernir o duplo sentido possivelmente implícito nas afirmações ou perguntas mais inocentes. O vinho do Porto e o Clarete, servidos aos *fellows* no "Combination Room" após o jantar, podem ser vistos como uma espécie de anestésico providencial: a vítima só percebe na manhã seguinte o quanto foi apunhalada na noite anterior.

Tanto entre os *fellows* quanto entre os estudantes há uma hierarquia baseada em antiguidade: não em idade física, mas no que pode ser chamado de "idade de college". A importância desta é simbolizada toda noite ao jantar quando o café é servido no "Combination Room" pelo "Junior Fellow", em outras palavras, o *fellow* eleito mais recentemente. Ele pode ser um catedrático ou um general aposentado, com o dobro da idade de alguns de seus "seniors", mas permanecerá um junior até a próxima eleição. Não se dá mais o caso dos *fellows* sentarem-se para jantar segundo a ordem de precedência de sua formatura, tal como ocorria até há vinte anos atrás, mas a antiguidade não foi esquecida e se expressa, na verdade, de vários modos, incluindo a lista do jantar.¹³ O "Senior Fellow" preside o jantar, se o "Master" e "Vice-Master" estiverem ausentes, e tem uma poltrona especial no "Combination Room" reservada para seu uso após a refeição. Os *fellows* recém-eleitos não podem votar no "Governing Body" durante um ano e se espera que eles não se pronunciem ou, ao menos, não falem muito até que haja passado esta fase de maturação.

A socialização no grupo implica a familiarização com um corpo de leis costumeiras. No *Emmanuel College* os costumes foram, de fato, anotados no século XVIII e alguns deles guardam o sabor da época. Quem cheirasse rapé no "Hall" seria multado em uma garrafa de Clarete. Quem comprasse ou vendesse um cavalo pagaria quatro garrafas de Clarete a serem bebidas pelos *fellows*. Clarete também era, como ainda é, a moeda corrente para o pagamento de apostas entre os *fellows* (registradas num livro especial de apostas), e a velha lei segundo a qual qualquer *fellow* que

12 Cf. R. D. Abrahams, "Black Talking in the Streets", in R. Bauman and J. Sherzer (orgs.), *Explorations in the Ethnography of Speaking*, Cambridge, 1974.

13 Cf. J. Goody, *The Domestication of the Savage Mind*, Cambridge, 1977, S. 130.

chegar mais do que dez minutos atrasado para o jantar seja multado em uma garrafa é ainda com freqüência invocada e ocasionalmente executada. Além disso, a socialização também se realiza por meio de insinuações, piadas, rituais e por uma espécie de permanência "em conserva" na atmosfera do *college* (ou talvez no seu clarete).

Os rituais são o sinal mais óbvio do caráter distintivo da comunidade. A "admissão" do *fellow* recém-eleito é em alguns colleges um magnífico rito de passagem, com a cerimônia na capela e o candidato de joelhos. No nosso caso ele ou ela simplesmente aperta as mãos do "Master" e faz o juramento de observar os estatutos do *college* e de "me empenhar com todas as minhas forças para promover a honra e os interesses do *college* como um lugar de educação, religião, estudo e pesquisa" (juramento que não impede a eleição de ateus), após o que o Master diz: "Auctoritate mihi commissa, admitto te in socium huius collegii, in nomini Patri et Filii et Spiritus Sancti". Esta não é a única ocasião em que o Latim é usado. A cédula de votação para a eleição dos *fellows* inclui as palavras "Ego... eligo... in socium huius collegii" (uma fórmula que pouco difere da que é usada nos conclaves papais). Todas as noites o jantar se inicia com uma graça em Latim, usando-se uma forma litúrgica monástica (oculi omnium in te sperant Domine...) e ainda se tenta fazer da refeição no "Hall" uma ocasião ritualizada: todos os *fellows* e estudantes usam becas, os *fellows* sentam-se em suas plataformas como o castelão e sua família na sala medieval, e a prataria do *college* é exposta sobre a mesa. A comida, que não é especialmente boa — afinal, estamos na Inglaterra — tem um valor simbólico óbvio, com ênfase em carnes que tradicionalmente se associam a um alto status, tais como veado e faisão. Após o jantar os *fellows* se dirigem ao "Combination Room" para comer frutas acompanhadas de vinho do Porto e Clarete (os leitores franceses podem achar isso um tanto estranho, mas é este o costume da tribo). Estes são passados ao redor da mesa no sentido horário, o do Porto vindo primeiro (as regras da antigüidade se estendem, neste caso, aos objetos inanimados). É aqui que se pode ver o *college* no que tem de mais exótico, de mais arcaico. É sempre interessante observar as reações dos visitantes, especialmente se são estrangeiros (acima de tudo, se são antropólogos) para ver se se impressionam ou se divertem, ou (mais freqüentemente) ambas as coisas, já que as becas, os candelabros de prata e os rituais se unem para criar uma certa magia quase irresistível.

Um historiador pode querer interpretar esses costumes em termos de sobrevivência: o vinho do Porto e o Clarete circulavam deste modo nas casas de campo inglesas no século XIX, tal como os romances de Trollope nos lembram. No entanto, um antropólogo pode muito bem acrescentar a esta interpretação a importância do arbitrário cultural (por que no sentido horário?) na afirmação da solidariedade do grupo e na exclusão dos estranhos. Uma convidada americana certa vez perguntou ao seu vizinho de mesa se a fruta também não deveria ser passada no sentido horário: os *fellows* não acharam muita graça.

Tais rituais sendo parte do cotidiano, pode-se bem imaginar que serão muito mais teatrais em ocasiões especiais. Há, por exemplo, três banquetes

anuais em que os estudantes não estão presentes, os *fellows* trazem convidados, os doutores (em filosofia, ciências, literatura, direito, música, etc.) usam becas escarlates e a prataria mais antiga e valiosa do *college* é exposta sobre a mesa. Há também a "Comemoração dos Benfeitores", um evento anual que se inicia com uma missa na capela onde se recitam os nomes daqueles que foram mais generosos para com o *college*, desde a sua fundação, e ouve-se a um sermão (esse sermão foi proferido certa vez por um clérigo que também era antropólogo e comparou o "college" a um grupo de descendência, sempre o mesmo e, no entanto, sempre mudando). Segue-se um jantar no "Hall" onde todos bebem de uma mesma taça de prata que circula boca a boca pela mesa, brindando "In piam memoriam fundatoris nostri et benefactorum nostrorum". Alguns dias antes do Natal há um ritual doméstico da comunidade, o "Jantar de Natal dos *Fellows*", que tem uma coloração carnavalesca: usar um chapéu de papel nesta ocasião é virtualmente a regra. Há também uma festa para os empregados à qual alguns *fellows* também comparecem.

Este ciclo de observações nos dá a confortável sensação de que nada está mudando. Mas, de fato, há uma consciência geral de que tudo está mudando e que, mais especificamente, as características distintivas do "college" estão desaparecendo gradualmente sob a pressão do mundo exterior. O espaço do *Emmanuel College* permanece inviolado, o público sendo nele admitido somente quando o *college* deseja, mas está se tornando cada vez mais difícil a preservação do ritmo tradicional do ano letivo, já que os empregados têm os fins de semana e os feriados bancários como padrão de referência e não as férias universitárias. A admissão das mulheres, com todas as suas vantagens, tornou também o *college* menos característico (o mesmo tendo ocorrido por ocasião da reforma que permitiu o casamento dos *fellows* no final do século XIX).

Não obstante, seria um erro imaginar que uma atmosfera pessimista permeia o *college*, mesmo considerando que vivemos hoje uma era marcada pela diminuição de verbas para as universidades (de fato, Cambridge tem sofrido cortes menos severos do que outras universidades e, além disso, os *colleges* têm seu próprio dinheiro). Os estudantes não se dão conta de que algum dia já foi diferente do que é hoje e suas vidas seguem o seu próprio ritmo de três anos. Quanto aos "fellows", suas atitudes ilustram a importância do passado no presente, uma importância da qual me dei conta tão logo aqui cheguei, sem dúvida porque vinha de uma nova universidade. "É claro que vinte anos não é muito tempo na vida no *college*", eu ouvi um *fellow* comentar durante o almoço. "Quando um *college* sobreviveu à Peste Negra" (tal como foi posto por um colega de uma fundação mais antiga), "aprende-se a colocar outros problemas em perspectiva". Ninguém faz objeção quando o "Bursar" faz um investimento que só começará a dar algum lucro após uma ou mais gerações. Fundamentalmente estamos seguros, com ou sem razão, de que ainda estaremos aqui no próximo século, e ainda no seguinte. A consciência do passado expressa nas regras de antiguidade e nos rituais de comemoração, nas visitas dos "Velhos Membros" e no modo pelo qual alguns *fellows* que já morreram há dez ou vinte anos

atrás estão presentes na conversação daqueles que os conheceram, parece estar acompanhada de grande confiança no futuro. Em certo sentido, este grupo de cinquenta e poucos acadêmicos profissionais não é muito diferente do mesmo número de professores numa nova universidade, mas eles desenvolveram uma atitude diferente para com o passado que afeta seus comportamentos no presente, tornando-os mais resistentes à mudança mas ajudando-os, ao mesmo tempo, a terem uma visão de longo alcance. Este é o traço mais distintivo desta "instituição peculiar", o *Emmanuel College*, bem como dos *colleges* de Oxford e Cambridge em geral.